

Marcel Alcleante Alexandre
de Sousa (organizador)

EDUCAÇÃO E CULTURA RELIGIOSA

conjunturas de paz para
a contemporaneidade



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

E26 Educação e cultura religiosa: conjunturas de paz para a contemporaneidade / [org.] Marcel Alcleante Alexandre de Sousa. – 1.ed.
1.ed. – Curitiba, PR: Bagai, 2020.

ISBN: 978-65-87204-53-6

1. Cultural religiosa. 2. Conjunturas de paz. 3. Educação.
4. Religiosidade. I. Sousa, Marcel Alcleante Alexandre de.

10-2020/20

CDD 370.7
CDU 37.01

Índice para catálogo sistemático:

1. Cultura religiosa: Conjunturas de paz
2. Educação

<https://doi.org/10.37008/978-65-87204-53-6.11.10.20>

Marcel Alcleante Alexandre de Sousa
(Organizador)

EDUCAÇÃO E CULTURA RELIGIOSA
conjunturas de paz para a contemporaneidade



1.^a Edição - Copyright© 2020 dos autores
Direitos de Edição Reservados à Editora Bagai.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es). As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

| | |
|---------------------------|--|
| <i>Editor-Chefe</i> | Cleber Bianchessi |
| <i>Revisão</i> | Os autores |
| <i>Projeto Gráfico</i> | Giuliano Ferraz |
| <i>Conselho Editorial</i> | Dr. Adilson Tadeu Basquerote - UNIDAVI Dr. Anderson Luiz Tedesco – UNOCHAPECÓ Dra. Andréa Cristina Marques de Araújo - CESUPA Dra. Andréia de Bem Machado - FMP Dr. Antonio Xavier Tomo - UPM - MOÇAMBIQUE Dr. Ademir A Pinhelli Mendes – UNINTER Dra. Camila Cunico – UFP Dra. Elnora Maria Gondim Machado Lima - UFPI Dra. Elisângela Rosemeri Martins – UESC Dr. Ernane Rosa Martins - IFG Dr. Helio Rosa Camilo – UFAC Dr. Juan Eligio López García – UCF-CUBA Dra. Larissa Warnavin – UNINTER Dr. Marciel Lohmann – UEL Dr. Márcio de Oliveira – UFAM Dr. Marcos A. da Silveira – UFPR Dra. María Caridad Bestard González - UCF-CUBA Dr. Reginaldo Peixoto – UEMS Dr. Ronaldo Ferreira Maganhotto – UNICENTRO Dra. Rozane Zaionz - SME/SEED Dr. Tiago Eurico de Lacerda – UTFPR Dr. Tiago Tendai Chingore - UNILICUNGO - MOÇAMBIQUE Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT Dr. Yoissell López Bestard- SEDUCRS |

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....7

Marcel Alcleante Alexandre de Sousa

**A EXPERIÊNCIA CRISTÃ DE DEUS DE RIOBALDO:
FRAGMENTOS DE UM “VIVER PERIGOSO” EM SERTÕES..... 10**

Everaldo dos Santos Mendes

**AS TEMPORALIDADES DIALÉTICAS DAS IMAGENS DO
BOM JESUS: SANTUÁRIOS, PROCISSÕES E ESPETÁCULOS
BARROCOS NAS DEVOÇÕES LUSO-BRASILEIRAS.....26**

Anderson Lino

**A DINÂMICA DA MUDANÇA NO CAMPO RELIGIOSO:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM UNIVERSITÁRIOS
EM MATO GROSSO.....39**

Rogério Makino

**O DESEJO DE IMORTALIDADE EM TEMPOS
“APOCALÍPTICOS” 51**

Porfírio Pinto

**O HÁBITO RELIGIOSO: O CASO DAS IRMÃS
FRANCISCANAS NA EDUCAÇÃO63**

Géssica Marques Moraes

**CASAS DE ACOLHIMENTO E PESSOAS EM SITUAÇÃO
DE RUA 75**

Marcel Alcleante Alexandre de Sousa

SOBRE O ORGANIZADOR85

O DESEJO DE IMORTALIDADE EM TEMPOS “APOCALÍPTICOS”

Porfírio Pinto⁷

INTRODUÇÃO

Um dos aspetos característicos da Modernidade, como a historiografia recente bem demonstrou, foi o da progressiva ocultação da morte.

Nos últimos 60 anos, a nível social, assistiu-se de facto a um autêntico desaparecimento – ou “apagamento” – da morte, e à perda da sua “gramática”. Durante séculos, as pessoas “sentiam vir” a morte e havia uma espécie de “teatralização” do evento: a família fazia-se presente para acompanhar o agonizante, os rituais fúnebres eram cuidadosamente preparados e, depois, respeitava-se o luto subsequente. Hoje, perdeu-se essa linguagem. Desapareceu *o tempo do agonizante*, que agora acontece sobretudo no quarto de um lar de idosos ou num hospital; desapareceu *o tempo do ritual*, e os cadáveres permanecem o maior tempo possível nas morgues, fazendo uma rápida aparição nas capelas mortuárias, pouco tempo antes do enterro propriamente dito (e, em muitos casos já, assistimos até ao desaparecimento do corpo e do lugar de sepultura, muito por culpa das incinerações cada vez mais em voga); desapareceu *o tempo do luto*, que é reenviado para a intimidade da família que perdeu o seu ente querido, sem impacto algum no contexto social envolvente (LE GUAY, 2008, p. 115-116).

Assim, na sociedade atual, as pessoas não morrem, *desaparecem!* Em poucas semanas – ou dias – um vizinho, um amigo, um familiar, é retirado da comunidades dos vivos quase sem nos apercebermos.

Todavia, esse foi sempre o ideal moderno: morrer sem se dar conta disso, ou, por outras palavras, que a morte não tivesse qualquer

⁷ Doutor em Estudos de Literatura e Cultura pela Universidade de Lisboa. Investigador júnior. Doutor contratado, ligado à Universidade Aberta – Cátedra Infante Dom Henrique (CIDH) para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização, Rua da Escola Politécnica, 147, 1269-001 Lisboa, Portugal. Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL). ORCID: 0000-0003-3127-1420.

impacto no âmbito social. Uma sociedade que ama *o prazer e o gozo* não tolera a maior das infelicidades do ser humano: a morte. Por isso tem necessidade de a dissimular, de a fazer desaparecer. Ora, esse ideal encontrou um poderoso aliado nos média atuais: a melhor maneira de ocultar a morte é falar dela a todo o momento – a ocultação por excesso –, de modo a que ela se torne estranha às nossas vidas, ou melhor, que seja uma coisa *extra-ordinária*... E é o que fazem os média informativos e o cinema (LE GUAY, 2008, p. 119-122):

a) Média informativos: as televisões e os jornais não se interessam pela morte banal, a do “fim da vida” (que é a morte de toda a gente, a morte das doenças), que acontece (invisivelmente) nos hospitais ou lares de idosos. Estes média apenas se interessam pela morte extraordinária: a da crónica policial, do acidente, do assassinio, ou a que acontece em catástrofes, sejam elas naturais ou provocadas pelo homem! A morte, em todos estes casos, está ligada a violência... à violência das circunstâncias. Consequentemente, faz-se uma seleção de imagens que possam suscitar emoção e dramatismo nos telespetadores/leitores. Nessas imagens-acontecimento, quando a morte aparece... desaparecem os mortos (os cadáveres, os corpos, estão invisíveis)! A morte está omnipresente, mas não há corpos. Quer fazer-se passar uma mensagem: a morte é imprevisível e é-nos totalmente estranha; por isso é mesmo inútil preparar-se para ela.

b) Cinema: os maus são mortos, eliminados sem emoção, sem estado de alma, friamente. Em filmes de ação (*Rambo, Robocop, etc.*), eles são mortos às centenas. Relativamente ao herói/assassino, ele não sofre, não tem problemas de consciência. E quanto ao mau da fita, também ele não manifesta angústia alguma. O elevado número de mortos nessas narrativas também matam a morte! Porque lidamos com a ficção, o cinema permite a separação do imaginário em relação à realidade: quanto mais a morte é irreal, menos nos faz pensar na nossa, e menos nos ensina a viver com ela! Como acontece nos média, também no cinema ocorre o fenómeno de ocultação da morte real: a morte quotidiana raramente é mostrada numa narrativa cinematográfica!

Em suma, a sociedade delegou à *imagem* (sobretudo à televisão e ao cinema) o discurso sobre a morte. Como muitas vezes o jovem nunca viu um morto real – porque se lhe oculta –, ele é obrigado a construir um discurso sobre a morte com recurso a essas imagens cinematográficas, de vídeo jogos, etc. (MARCHI, 2010). Quanto mais angustiado pela morte, mais ele gosta de ver esse tipo de filmes. É uma atitude contrafóbica, uma maneira de exorcizar, de lutar contra os seus medos (SUVILAY, s.d.). Afinal, o cinema atual acaba por ter o mesmo efeito catártico das antigas tragédias gregas... os filmes servem para projetar as suas pulsões destruidoras no exterior de si mesmo (um escape às violências internas).

ALGUMAS NARRATIVAS POPULARES SOBRE A MORTE

O que vamos fazer agora é ver algumas narrativas cinematográficas e literárias sobre a morte, que permitem aos nossos jovens reconstruir um discurso religioso – entre outros – que, como veremos, não se afasta muito da antiga narrativa cristã sobre os chamados “novíssimos”, que a Modernidade criticou e quis eliminar.⁸

Os “zombies”: os “mortos-vivos”

Alguém qualificou o fenómeno dos “zombies” (ou “zumbis”) de “sintomas de uma época aterrorizada” (Coulombe, 2015). Embora seja um fenómeno relativamente antigo, só nos anos recentes atingiu proporções verdadeiramente impressionantes.

No Haiti de Oitocentos, circulavam muitas histórias de zombies. O zombie era uma figura que evocava simultaneamente a escravidão forçada e a ressurreição cristã. Alguns indivíduos eram drogados por padres vudu, mediante um pó paralisante que os fazia cair numa espécie de morte aparente. Como tal, eram enterrados e, depois, desenterrados,

⁸ Referimo-nos à “coisas últimas” (*novissima*) da existência humana: a morte, o juízo (individual), o inferno (a perda/condenação) e o céu (a glória/salvação). Aqui, tenha-se presente que também o catolicismo deixou de falar dos novíssimos do homem (a perspetiva individual), privilegiando um discurso mais comunitário (a salvação não é um assunto apenas individual, mas eclesial, de comunidade). Isso aconteceu porque tomou consciência de que tinha que abandonar a chamada “pastoral do medo” (Jean Delumeau), a favor de um discurso mais otimista fundado nas virtudes teológicas: caridade, fé e esperança.

com recurso a fórmulas rituais, convertendo-se as pessoas em escravos dos ditos padres, que os usavam nas tarefas domésticas e na agricultura. Como o efeito da droga era temporário, esses zombies eram regularmente drogados. Assim estes indivíduos despersonalizados viviam um autêntico pesadelo. Quanto ao fenómeno em si, ele manejava vários elementos: o imaginário da escravatura, pois o zombie representava um sujeito despersonalizado incapaz de se revoltar; depois, ao esvanecer os limites entre a vida e a morte, havia como que uma inquietante leitura da ressurreição cristã! Todavia, o malefício podia ser revertido: o zombie poderia recuperar a sua humanidade.

No primeiro terço do séc. XX, essa figura do zombie foi recuperada na literatura e no cinema norte-americano: primeiro, com o romance *The Magic Island* (1929) de William Seebrook; depois, no filme *White Zombie* (1932) de Bela Lugosi. No entanto, foi no último terço do século passado que a figura do zombie sofreu uma grande alteração. De temporária, a sua condição tornar-se-ia definitiva: os zombies passariam a constituir uma nova espécie, tendo encontrado um novo modo de se reproduzir (por contágio) e alimentar (de carne humana)! Foi o que aconteceu na trilogia de George A. Romero: *Night of the Living Dead* [A noite dos mortos-vivos] (1968), *Dawn of the Dead* [Zombie – O despertar dos mortos] (1978) e *Day of the Dead* [Dia dos Mortos] (1985). Este realizador é fortemente crítico da sociedade de finais de Sessenta do séc. XX, e sobretudo da Guerra do Vietname. No seu imaginário, o morto já não é um vivo que é tido por morto, mas um morto – ou um grupo/sociedade de mortos – que é tido por vivo... um sujeito que erra sem um destino específico, deixado por conta própria. Só em presença dos humanos ressurgem nele um impulso fatal, a vontade de devorar estes últimos (que, por sua vez, também se transformam em zombies). (Depois dos vampiros, os zombies são a segunda espécie que se alimenta de seres humanos.) Estes mortos-vivos tornam-se então autênticas máquinas de guerra!

Depois do 11 de setembro de 2001, os filmes de zombies tornaram-se ainda mais frequentes (e G. A. Romero produziu uma nova trilogia: *Land of the Dead* [Terra dos mortos] (2005); *Diary of the Dead* [Diário dos mortos] (2008); *Survival of the Dead* [A ilha dos mortos] (2009)).

Esta cinematografia desenvolve uma ideia que a primeira trilogia de Romero mal abordara: a da origem dos mortos-vivos. No primeiro filme da primeira trilogia de Romero, eles tinham origem nos mortos que não foram enterrados e que, de algum modo, “regressaram” à vida! Essa situação parece-se a um castigo divino! Mas, pouco a pouco, tornou-se claro que os novos zombies são-no por contágio, porque foram devorados por mortos-vivos. A ideia de castigo divino toma então contornos de juízo moral sobre a sociedade ocidental: o zombie, no fundo, tornou-se numa “perturbadora metáfora do doente de sida [...] um vivo condenado à morte e ao contágio dos seus semelhantes” (Coulombe, 2015, n. 18). No início do novo milénio, na nova trilogia, o zombie torna-se ainda representação dos medos relacionados com as investigações biotecnológicas em curso.

Em suma, o zombie figura a inquietude de uma época (a nossa) quanto ao sentido da morte: ele seria para nós o monstro de uma certa vacuidade, de uma certa fadiga do Ocidente.

Os “aparecidos”, ou “almas penadas”

Uma outra narrativa que podemos evocar aqui é a do fenómeno dos “aparecidos” em série televisivas como a francesa *Les Revenants* (2012 e 2015; 2 temporadas; em 22 países), a norte-americana *The Returned* (2015; 1 temporada; Netflix) e a australiana *Glitch* (2015-2019; 3 temporadas; Netflix). Em todas elas, o argumento fundamental é o seguinte: em pequenas cidades, algumas pessoas mortas reaparecem, aparentemente normais, e tentam retomar a sua vida no ponto em que a tinham deixado ao morrer! Estas séries fazem eco de uma realidade antiga, a das “almas errantes” (ou “almas penadas”), que ainda encontramos hoje em certos meios rurais ou em pequenos núcleos urbanos, e que levou Jacques Le Goff a falar de uma “longa Idade Média” até meados do séc. XX. Em causa está também a piedade popular em torno das “almas do purgatório”⁹ (SOUFFRON, 2015).

⁹ O purgatório é o elemento acrescentado pela Idade Média (LE GOFF, 1981) ao grupo dos quatro novíssimos da Antiguidade tardia, definidos no primeiro tratado de escatologia cristã: o *Prognosticon futuri saeculi* (Presciência do século futuro) de Julião de Toledo (finais do séc. VII).

A crença nas “almas penadas” vem de um período anterior ao estabelecimento das doutrinas do pecado venial e do purgatório, consequência do juízo individual. Essas almas, como não haviam sido condenadas ao inferno nem puderam entrar no céu, andariam errantes pelo mundo, à espera do Juízo Final. No fundo, são almas que não deixaram ainda totalmente o mundo dos vivos... almas inquietas que vêm pedir orações. Segundo José Mattoso (1993), é um fenômeno que encontramos ainda nos meios rurais da Península Ibérica. Na Europa Central, depois que se fixou a doutrina do purgatório, os “aparecidos” (“*revenants*”) já não eram almas errantes, inquietas, mas uma espécie de mensageiros (anjos) do além, que vinham transmitir uma mensagem ou um ensinamento.

Este tipo de séries, que podem ser apelidadas de “dramas sobrenaturais”, ou “dramas de ressuscitados” (conforme L. Fox, guionista e produtora da série *Glitch*), parece *desafiar a incredulidade pós-moderna*. O criador da série francesa *Les revenats* afirma que o que se tentou reconstituir foi as esperanças dos cristãos das comunidades paulinas do início, que esperavam que os mortos se levantassem e se consumasse a seguir o julgamento do mundo (DREYFUS, 2015). A série lança um desafio: como lidar com o sobrenatural? Como entender crenças seculares em torno dos mortos?

Experiências de quase morte

Em 2010 foi lançado o livro *O Céu é de verdade*, em que o pastor evangélico Todd Burpo relata a experiência de quase morte de seu filho Colton, que terá ido ao céu e conhecido Jesus Cristo, Maria e João Batista. O livro teve um grande sucesso, vendendo mais de dez milhões de cópias em todo o mundo (até 2014).

Embora se conhecessem relatos de finais do séc. XIX, estas experiências apenas começaram a ser estudadas quando psicólogos e psiquiatras americanos se começaram a interessar pelo fenômeno há cerca de 60 anos. Hoje, há muitos relatos de experiências deste tipo, e uma

tipificação do dito fenômeno elaborada pelo doutor Raymond Moody, na sua obra *Vida depois da vida* (1975).

As comunidades religiosas desconfiam deste fenômeno (paranormal) e mantêm-se prudentes. As abordagens que se fazem dele permanecem essencialmente no registro da prova. Ora, como sublinha o jesuíta Arnaud Join-Lambert (Universidade de Lovaina), “permanece um ato de fé a convicção de que a morte é uma passagem para um Além”. Não se pode recorrer a esse tipo de experiências para procurar “moralizar” os outros, aqueles que não estão no “bom caminho”.

LEITURAS TEOLÓGICAS DOS FENÔMENOS

As culturas precisam de narrativas, e a aproximação do final do milênio foi propícia ao aparecimento de narrativas sobre “o fim”, narrativas “apocalípticas”, que não pararam no ano 2000, mas continuaram neste início do séc. XXI. (Que mais não seja, lembremo-nos das expectativas do “fim” anunciadas pelo calendário maia para o ano 2012!) Já sabemos que todas as narrativas são polissêmicas; as narrativas “apocalípticas” da cultura popular atual não fogem à regra. Como refere Ola Sigurdson, essas narrativas não são necessariamente apenas uma espécie de crítica social, mas podem também exprimir uma forma de escapismo voyeurista muito próprio dos filmes de terror, ou seja, serem simultaneamente “paródia” (divertimento) e profecia (SIGURDSON, 2017, p. 93).

Desde o primeiro filme de George A. Romero, o zombie, por exemplo, surge como a figura perfeita para falar dos variadíssimos problemas (sexismo, racismo, consumismo, etc.) e crises (política, económica, migratória, sanitária, etc.) das sociedades atuais (veja-se GIROUX, 2010; LAURO (ed.), 2017). Serve até para criticar os nossos sistemas educativos (veja-se CARRINGTON et alii (eds.), 2016). Do ponto de vista cultural, o zombie não representa apenas o nosso medo da morte e do desconhecido, mas também (e sobretudo) o medo de ser controlado ou de agir de forma inconsciente, como uma espécie de alienado (FERRERO; ROAS, 2011, p. [24]). Porque o zombie não é um alienígena que é preciso combater para salvar a existência humana,

mas o *alienígena* que vive dentro de cada um de nós (SIGURDSON, 2017, p. 94); quer a nível antropológico e social (os problemas sociais), quer também a nível teológico (a questão da imortalidade, e da liberdade).

Kim Paffenroth, já em 2006, chamava a atenção para o facto destes “monstros” da cultura popular apocalíptica terem origem na mitologia cristã, surgindo como criaturas infernais, no limiar entre o humano e o não humano (2006, p. 7), podendo ser associadas à imaginária do *Inferno* de Dante e fazendo com que as pessoas estejam “condenadas a uma existência sombria, fechada e limítrofe, que se assemelha ao inferno” (2006, p. 22; trad. nossa). Na sua senda, John W. Morehead levou a cabo uma valorização teológica do fenómeno, que nos parece interessante referir aqui. Ele parte do facto da cultura ocidental estar envolvida num processo de negação da morte, mas, simultaneamente, tudo fazer para reter a ideia cristã da ressurreição, ainda que não se coibindo de a satirizar (MOREHEAD, 2012, p. 97-98). Sendo uma cultura extremamente secularizada, isso não a impede de “dialogar” com o sagrado.

Em claro contraponto com o tradicional discurso teológico, que, ao lidar com a morte, sublinhava a natureza espiritual e imortal da alma – o que a tornava muito semelhante aos seres espirituais (anjos) que viviam junto de Deus –, as narrativas acerca dos zombies descrevem seres eternamente mortos e totalmente corpóreos (MOREHEAD, 2012, p. 100). Depois, enquanto o discurso cristão foi mantendo uma compreensão dualista da natureza humana (composta de alma e corpo), esta nova cultura ocidental defende uma visão monista do ser humano, identificando eu (consciência pessoal) e corpo. Por conseguinte, existe aqui uma nova conceção da ressurreição que é, ao mesmo tempo, uma sátira do ensinamento cristão e um pensamento perfeitamente coerente com o desenvolvimento da cultura ocidental, nomeadamente com o discurso das neurociências (MOREHEAD, 2012, p. 101-102). Deste modo, construindo sobre a narrativa escatológica cristã, a narrativa apocalíptica da cultura popular subverte-a: embora suponha uma ressurreição corpórea, ou melhor, uma reanimação corpórea, o reanimado/morto-vivo perde definitivamente a sua identidade pessoal e o seu corpo continua num processo de decadência, e no mesmo mundo corrompido em que

anteriormente vivera. É portanto uma leitura extremamente pessimista, que contrasta com a esperança cristã! (MOREHEAD, 2012, p. 104).

A questão dos “aparecidos” – do regresso dos mortos –, ainda que seja muito marginal do ponto de vista dogmático cristão, tem uma força particularmente importante do ponto de vista devocional, e foi essa força que sustentou durante séculos o culto das “almas do purgatório”:

a partir do momento em que as populações compreenderam que a oração e as missas pelos mortos podiam ajudá-las a verem-se livres dos aparecidos, ou, pelo menos, a limitar as suas idas e vindas, o purgatório provou a sua utilidade e o seu futuro estava assegurado (CUCHET, 2012, p. [3]; trad. nossa).

Ora, a oração e as missas ajudavam os familiares a realizar o “processo de luto”, indispensável sobretudo em situações menos “normais”: uma morte não natural (suicídio, acidente no trabalho, etc.), uma morte prévia a um rito de passagem (criança não batizada, noivos ou recém-casados, morte súbita) ou uma morte inesperada, deixando algum ato por cumprir (uma dívida, por exemplo) (CUCHET, 2012, p. [8]). Destas situações resultavam os “aparecidos”.

A função dos ritos funerários e do processo de luto consiste na despedida dos mortos. Hoje, sendo um assunto exclusivamente privado, cada um acaba por gerir as suas culpas e dúvidas como pode, mas nem sempre da melhor maneira (SOUFFRON, 2015, n. 22-23). “A gestão psicologizante, médica, química do ‘processo de luto’, que já não é suportado por nenhuma simbólica, deixa-nos à mercê dos nossos fantasmas” (SOUFFRON, 2015, n. 33; trad. nossa). Numa sociedade em que a crença no purgatório deixou de fazer sentido, as narrativas cinematográficas sobre os “aparecidos” exploram sobretudo a questão do luto.

Também as narrativas da visão do céu, em experiências de quase morte, respondem a uma ânsia da sociedade atual pela questão da vida no além, vencendo os medos perante a morte. Os livros escritos neste âmbito insistem numa mensagem muito específica: a verdade, a realidade do além, a real existência do céu. O transmissor dessa mensagem,

geralmente, é inquestionável: quem pode duvidar de um relato de uma criança (inocência), ou de um neurocirurgião (cientista)? (STORM, 2014, p. 211-213).

As preocupações que, noutras épocas, levaram as pessoas a desenvolver a sua esperança num além mais promissor não diferem muito das atuais: são as guerras contínuas, os conflitos religiosos, a instabilidade político-económica, as alterações climáticas e os problemas sanitários. O céu, então, representa uma forma de esperar algo maior do que o quotidiano que se enfrenta (STORM, 2014, p. 215).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos aspetos da doutrina cristã mais criticados pelos meios libertinos dos sécs. XVII e XVIII foi a escatologia dos “fins últimos” (*novissima*), que marcou toda a Idade Média e também serviu para almentar uma certa “pastoral do medo”. Essa escatologia distinguia entre os fins individuais – os “novíssimos do homem”: morte, juízo, inferno e paraíso – e os fins gerais – os “novíssimos do mundo”: o fim do mundo, a parusia, a ressurreição dos mortos e o juízo final. Nas narrativas “apocalípticas” de carácter popular que afluíram neste estudo não é difícil detetar um “diálogo” pós-moderno com essas doutrinas cristãs. Podemos mesmo considerar ditas narrativas num plano de mediação entre o desconstrucionismo pós-moderno e a escatologia judaico-cristã (ver WÖLL, 2019). De todos os modos, como vimos, as narrativas da cultura popular atual comungam de um pessimismo que contrasta vivamente com a esperança da escatologia cristã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMERAS, L. Expériences de mort imminente: la mise en garde d'un théologien. **Aleteia**, 28.08.2017. Disponível em: <https://fr.aleteia.org/2017/08/28/experiences-de-mort-imminente-la-mise-en-garde-dun-theologien/?print=1>. Acesso em: 12 set. 2020.

CARRINGTON, V. et alii (eds.). **Generation Z: Zombies, Popular Culture and Educating Youth**. Singapore: Springer, 2016.

COULOMBE, M. Zombies, symptômes d'une époque terrifiée. **Socio-anthropologie**, n. 31, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/socio-anthropologie/2127>; DOI: 10.4000/socio-anthropologie.2127. Acesso em: 12 set. 2020.

CUCHET G. Le crépuscule des revenants. Peur de morts et culte du purgatoire dans la culture catholique des XIX^e et XX^e siècles. In: SAUGET, S. (dir.). **Les Âmes Errantes: Fantômes et Revenants**. Paris: Créaphis Éditions, 2012, p. 37-48. Disponível em: https://www.academia.edu/4728565/Le_cr%C3%A9puscule_des_revenants_Peur_des_morts_et_culte_du_purgatoire_dans_la_culture_catholique_des_XIXe_et_XXe_s%C3%A8cles. Acesso em: 12 set. 2020.

DREYFUS, S., Fabrice Gobert: conteur en série. **La Croix**, 28.09.2015. Disponível em: <https://www.la-croix.com/Culture/Television/Fabrice-Gobert-createur-des-Revenants-conteur-en-serie-2015-09-28-1361849>. Acesso em: 12 set. 20.

FERRERO, A.; ROAS, S. El 'zombi' como metáfora (contra)cultural. **Nómadas: Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas**, v. 32, n. 4, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4138072>. Acesso em: 12.09.20.

GIROUX, H. A. **Zombie Politics and Culture in the Age of Casino Capitalism**. New York: Peter Lang, 2010.

LAURO, S. J. (ed.). **Zombie Theory: A Reader**. Minneapolis-London: University of Minnesota Press, 2017.

LE GOFF, J. **Naissance du Purgatoire**. Paris: Gallimard, 1981.

LE GUAY, D. Représentation actuelle de la mort dans nos sociétés: les différents moyens de l'occulter. **Études sur la mort**, n. 134, 2, 2008, pp. 115-123. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-etudes-sur-la-mort-2008-2-page-115.htm>. Acesso em: 12 set. 2020.

MARCHI, C. Des ados fascinés par la mort. **Psychologies**, 26.08.2010. Disponível em: <https://www.psychologies.com/Moi/Epreuves/Deuil/Articles-et-Dossiers/La-mort-pourquoi-il-faut-en-parler/Des-ados-fascines-par-la-mort>. Acesso em: 12 set. 2020.

MATTOSO, J. O imaginário do Além-Túmulo nos *exempla* peninsulares da Idade Média. In: NÚÑEZ, P.; SALVADOR, J. (publ.). **Medieval y Literatura**, Granada, 1995, v. 1, p. 131-146.

MOREHEAD, J. W. Zombie Walks, Zombie Jesus, and the Eschatology of Post-modern Flesh. In: PAFFENROTH, K.; MOREHEAD, J. W. (eds). **The Undead and Theology**. Eugene (OR): Pickwick, 2012, p. 87-109.

PAFFENROTH, K. **Gospel of the Living Dead: George Romero's Visions of Hell on Earth**. Waco: Baylor University Press, 2006.

SCHMITT, J.-C. **Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval**. Trad. Maria L. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SIGURDSON, O. Slavoj Zizek, the Death Drive, and Zombies: A Theological Account. In: LAURO, S. J. (ed.). **Zombie Theory: A Reader** (p. 85-101). Minneapolis-London: University of Minnesota Press, 2017.

SOUFFRON, V. Quand les morts reviennent: le deuil contrarié des sociétés contemporaines: réflexions à partir du film *Les revenants*. **Socio-anthropologie**, n. 31, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/socio-anthropologie/2177>; DOI: 10.4000/socio-anthropologie.2177. Acesso em: 12 set. 2020.

STORM, W. M. **The Creation of Heaven in the Middle Ages**. Dissertation for the Degree of Doctor of Philosophy in Marquette University, Milwaukee (Wis.), 2014.

SUVILAY, B. L'attrait de l'hémoglobine dans le jeu vidéo d'horreur. **Difficile d'écrire sur des futilités**, s.d. Disponível em: <https://bounthavy.com/attrait-de-hemoglobine-dans-le-jeu-video-dhorreur/>. Acesso em: 12 set. 2020.

WÖLL, S. (2019). Shuffling narratives: apocalypticism, postmodernity, and zombies. S.l., 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/331114575_Shuffling_Narratives_Apocalypticism_Postmodernity_and_Zombies. Acesso em: 12 set. 20.

Nota: este texto teve uma primeira versão – “Entre o medo e o fascínio da morte: os jovens e o derradeiro limite” – apresentada na Jornadas “Educar para a Morte”, Viseu, 25-26.10.2019.